

Uma ideia de (per)formação política : crítica à linguagem

Lúcia S. Hardt¹

Rodrigo Mafalda²

Danilo J. S. Botelho³

O objetivo deste artigo é, a partir do Prólogo e O adivinho de “Zaratustra”, diferenciar dois tipos de logoi, que implicam distintas aretai (excelências políticas): um onto-teo-lógico, ligado a alguma verdade incondicional; outro logo-lógico ou performático, em que se performam verdades condicionais. Tendo como fio condutor o Aforismo 1 de Ecce Homo, a hipótese é que Zaratustra, ao questionar uma verdade única onto-teo-lógica e admitir diferenciações, serve-se mais do logos performático – e democrático (no sentido de Protágoras) – do que o Santo e o Adivinho. Questiona-se, desse modo, se as democracias contemporâneas (seus partidos inclusos) seriam suficientemente fortes para aceitar o tensionamento, a erística e a agonística, os nômades, a diferenciação, os que restam e os que faltam, bem como outro(s) discurso(s) que não o hegemônico que representa “fielmente” o real. O povo não entendeu (o logos de) Zaratustra, preferiu o último homem. Hoje o entenderia?

Palavras-chave: Super-homem; Zaratustra; logos performático.

¹ Possui Graduação em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1982), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Santa Catarina. Participa do Grupo de pesquisa GRAFIA no qual coordena um sub-grupo: Bio-Grafia/Nietzsche.

² Possui graduação em Filosofia (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007). Mestre em Educação pela UFSC. Professor Conteudista do projeto Digital Education (2011) e integrante do Grupo de pesquisa GRAFIA no qual coordena um sub-grupo: Bio-Grafia/Nietzsche.

³ Doutorando em Educação no PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação) da UFSC. Mestre em Educação no PPGE-UFSC. Pós-graduado em Retórica e Gramática no IEL (Instituto de Estudos da Linguagem) da UNICAMP. Foi coordenador e docente de Pós-graduação na Universidade Camilo Castelo Branco. Integrante do Grupo de pesquisa GRAFIA no qual coordena um sub-grupo: Bio-Grafia/Nietzsche.

An idea of political (per)formation: critique of language

The goal of this article is to differentiate, from the Prologue and the chapter The Soothsayer, both from “Zarathustra”, two kinds of logoi, which imply distinct aretai (political virtues): one of them is onto-theological, related to an unconditional truth; the other is logo-logical or performative, in which conditional truths are performed. Guided by the first aphorism from *Ecce Homo*, we hypothesize that Zarathustra, by questioning a singular onto-theo-logical truth and admitting differentiations, makes more use of the performative – and democratic (in the way Protagoras understood democracy) – logos than the Saint or the Soothsayer. We then proceed to question whether contemporary democracies (including political parties) would be strong enough to accept the tensioning, the eristic and the agonistic, the nomads, the differentiation, the ones who are left over and the ones who are missing, as well as other discourses which are not hegemonic and do not represent reality “faithfully”. The people did not understand Zarathustra('s logos), they preferred the last man. Would they understand it now?

Keywords: Nietzsche; Zarathustra; performative logos.